

SEMANA

50

1 Dia

I João 5.16-18

Oração Intercessora

“Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para morte, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. Há pecado para morte e por esse não digo que rogue. Toda injustiça é pecado e há pecado não para morte.”

I João 5.16- 17

William Law disse: *“Não há nada que nos faz amar tanto a alguém quanto o orar por ele”*.

A oração intercessora é um dom. Tornamo-nos parceiros de Deus na realização de seus propósitos para as pessoas ao nosso redor. A oração pelos outros nos capacita a partilhar o coração de Deus. Quanto mais oramos pelas pessoas, tanto mais seremos capazes de amá-las como Deus as ama. Interceder significa colocar-se entre, ir a Deus em benefício de outrem. O poder de mudar a vida das pessoas ao nosso redor, mediante a oração, foi-nos confiado.

João continua seus pensamentos sobre a oração chamando nossa atenção para a oração intercessora pelas pessoas que passam por problemas por causa de seus fracassos e rebeldia contra Deus. Como é que oramos por pessoas que arruinam suas vidas e as das pessoas ao seu redor mediante pecado compulsivo e habitual? O apóstolo atira-se a um assunto que merece nossa meditação. Todos nós temos amigos e conhecidos por quem nossos corações doem. Alguns nos perturbam e incomodam; outros nos deixam com raiva. Por que devemos interceder por suas vidas?

O apóstolo nos diz que há dois tipos de pecado: os que não são para morte e os que o são. Precisamos ter certeza de que compreendemos a diferença entre eles.

O perdão de Deus é livremente oferecido por todo pecado. Quando vemos uma pessoa que falhou ou perdeu o melhor que Deus tem para ela, devemos orar para que Deus a leve ao ponto da confissão de seu pecado, para que, assim, possa receber o perdão. A força da admoestação de João em orarmos pelas pessoas que se encontram em problema é que Deus honrará nossa oração e na verdade intervirá a fim de salvá-las das ações, atitudes e padrões que as debilitam. A oração é nossa poderosa alternativa à crítica, ao juízo e ao negativismo. As pessoas fazem o que fazem por causa do que são por dentro. Somente o amor de Deus e nossa aceitação podem ajudá-las a encarar as motivações distorcidas do que fazem. A oração libera o poder de Deus para as necessidades interiores e muda nossas atitudes para com as pessoas.

Sempre que soubermos de pecado na vida de outrem, é sinal para que oremos. Deus nos confiou o conhecimento de modo que cooperemos com ele a fim de ajudar a pessoa a vencer não somente o pecado, mas também as necessidades que o ocasionaram. Ele nos dará perspicácia e sabedoria. Pode ser que ele nos use para uma confrontação amorosa ou para uma oferta de ajuda. Mas tenha certeza de uma coisa: converse com Deus a respeito do pecado de certa pessoa antes de ir a ela! Precisamos de sua sensibilidade e compaixão - e do seu tempo certo. Ele preparará a pessoa para o que nos levou a dizer. Muitas vezes ele trará o pecado à superfície para que a pessoa confie em nós contando-nos a necessidade que a tem perturbado. Então nossa tarefa é ajudar a pessoa a confessar o pecado a Deus. Seja cuidadoso em não dar graça barata. O perdão de Deus está disponível mediante Cristo e a cruz. Mas não pode ser apropriado até que o pecado seja reconhecido e confessado.

Isto nos dá a chave para destrancar o que João quer dizer por pecado que é para a morte. O grego traz pros thanaton, significando pecado que conduz à morte. A implicação é que há pecado que termina na morte; isto é, aquele que rouba a pessoa da vida eterna. Ficamos a imaginar o que João quis dizer. Que pecado negará a vida da pessoa com Deus agora e para sempre? Há o pecado imperdoável?

Jesus identifica o pecado imperdoável como sendo o pecado contra o Espírito Santo. Ele diz: *“Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não terá perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno”* (Marcos 3.29). A princípio isso parece ir contra a graça de Deus. Mas não é assim. Jesus reconheceu o tremendo poder do livre-arbítrio. Os escribas e fariseus haviam dito que ele tinha um espírito imundo. Declararam que ele estava possesso do príncipe dos demônios, Belzebu, e se recusavam a crer que o Espírito de Deus nele era o poder por trás de suas palavras, atos, sinais e maravilhas.

Resistência ao Espírito Santo é o pecado imperdoável. O ministério do Espírito é nos capacitar a aceitar Jesus Cristo como Salvador e Senhor. O impulso e impacto do Espírito é nos levar ao fim de nós mesmos e à confissão de nossa necessidade de perdão e reconciliação. Deus jamais se recusa a perdoar, mas podemos nos recusar a pedir perdão. Fulton J. Sheen disse: *“O pecado imperdoável é a negação do pecado, porque, por sua própria natureza, nada há que perdoar”*.

O pecado mortal a que João se referia era algo parecido. Havia os que se recusavam a crer em Jesus Cristo como o Filho de Deus e Messias. Muito pior, havia os que tinham crido, mas que caíram sob a influência do anticristo. A vida eterna é disponível somente por meio de Jesus Cristo. Negá-lo é selar o destino da pessoa. João não fala de uma negação involuntária por causa de fraqueza ou pressão, mas de uma apostasia compulsiva e persistente. É mais do que resistir ao senhorio de Cristo sobre uma área de nossa vida; é uma negação total de nosso relacionamento com ele. Este pecado é imperdoável enquanto não for confessado.

Como devemos interceder pelas pessoas que conhecemos e amamos que consistente e compulsivamente se recusam a conhecer a Cristo como Senhor de suas vidas? A resposta de João parece dura e negativa a princípio: *“Há pecado para morte e por esse não digo que rogue. Toda injustiça é pecado, e há pecado não para morte”*. No contexto total do pensamento de João nesta carta, acho que o sentido desta afirmativa é que existe um ponto em que a resistência a Cristo ainda não é mortal. Há uma época antes que a resistência se endureça em

negação. Uma vez que não sabemos quando isso acontece na outra pessoa, nosso desafio é continuar a orar sem cessar. Deus jamais desiste, ainda quando a pessoas se afastam dele. Podemos somente maravilhados responder que ele nos ama tanto que não nos nega a liberdade de escolha. Podemos dizer “*não*” tanto tempo que já não poderemos dizer “*sim*”. Antes que isso ocorra na vida da pessoa, nossa tarefa é orar para que ele ou ela responda ao amor de Deus que tenta alcançar sua mente e coração.

A experiência nos mostra que Deus responde à oração. Já houve épocas em que me encontrava completamente desanimado e sem esperança por alguém quando o ponto miraculoso ocorreu. O conhecimento dessas ocasiões não me tem permitido deixar de obedecer ao impulso do Espírito Santo de orar por alguém que resiste a ele.

Nosso chamado de intercessores é pedir que o Senhor nos guie na preparação da nossa lista de oração. Ele colocará em nossos corações pessoas que ele deseja abençoar mediante nossas orações. Até ao presente momento em minha vida de oração, Deus jamais me disse que parasse de orar por alguém por ter Deus desistido dela!

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

2 Dia

| João 5.19-21

Deuses Diminutos

“Guardai-vos dos ídolos.”

| João 5.21

Quem ou o que compete com Deus pela lealdade de nosso coração? João nos desafia a considerar isso nas palavras finais de sua primeira carta: *“Filhinhos, guardai-vos dos ídolos.”* Gosto da tradução da Bíblia Viva desse versículo: *“Meus queridos filhos, afastem-se de qualquer coisa que possa tomar o lugar de Deus no coração de vocês”*. Westcott disse-o assim: *“Guardai-vos de todos os objetos de falsa devoção”*.

João escreveu sua carta em Éfeso, cidade cheia de idolatria, e as poluições do templo de Diana certamente estavam em sua mente. A imoralidade era aceita sem limite. Criminosos podiam encontrar asilo seguro na presença do templo. Vendiam-se amuletos que supostamente davam poderes mágicos ao destino da pessoa. Ícones do templo haviam produzido um negócio lucrativo aos ourives. As pessoas compravam os ícones crendo que o poder de Diana residiria aonde quer que os ícones fossem levados.

Éfeso era também cidade de magia e feitiçaria. Toda forma de seitas e ocultismo grassava aí. A astrologia florescia. Encantamentos, exorcismos e religião mística estavam disponíveis em qualquer esquina.

A cidade também era famosa por seus jogos e pelo culto do corpo físico. Isto se mesclava muito bem com a sensualidade e as práticas sexuais distorcidas da cidade.

Acrescentado a tudo isso ainda havia o culto a César que permeava o mundo conhecido de então. Os cristãos de Éfeso, e por toda a Ásia, muitas vezes enfrentavam o teste de sua lealdade suprema tendo de fazer uma escolha entre Cristo e César. Domiciano exigiu o culto a César em Éfeso até sua morte em 96 a.C., mandando que as pessoas lhe mostrassem sua lealdade queimando incenso perante o busto de César.

Não é de admirar que João termine sua carta como o faz. Não era coisa fácil ser cristão em Éfeso, ou em qualquer das cidades a que esta carta foi enviada. Os deuses diminutos da falsa religião, da sensualidade, da magia negra, da segurança política e da segurança econômica eram ídolos tentadores. Era um mundo terrível e sombrio no qual era ousadia dizer: *“Jesus Cristo é meu Senhor!”*.

Os mesmos ídolos ainda nos tentam. Dinheiro, segurança, prazer, pessoas, carreiras e posses ainda são ídolos que exigem que os cultuemos em vez de prestar nosso culto a Deus. Nossos ídolos podem ser qualquer coisa ou pessoa que ameaça ocupar o trono de nosso coração. Substitutos de Deus podem exigir muito de nosso tempo, dinheiro e energia.

Nosso problema é jogarmos com nossos ídolos enquanto ao mesmo tempo oferecemos nossa lealdade a Cristo. De fato, nosso sincretismo é tão sutil que usamos Cristo para conservarmos nossos ídolos. Colocamos nossas prioridades em nossos alvos pessoais, nossa imagem, nossa família e nossos planos para o futuro. Então não apenas pedimos que Cristo os abençoe, mas também nos ajude a alcançá-los. Conservamos Cristo no negócio de polimento e conservação de ídolos.

Há uma causa mais profunda. É possível ter fé em Cristo e ainda conservar o ego no trono. O ego ainda é o deus diminuto mais perigoso. Dizemos ser cristãos, frequentamos a igreja, fazemos nossas orações, participamos de causas sociais e todo o tempo nossa vida permanece sob nosso controle. Seríamos os primeiros a admitir nossa necessidade de Cristo, mas para realizarmos nossos planos e propósitos pré-determinados. Cristo está em nossa vida e amiúde em nossa mente, mas não reina em nosso coração. A oração se transforma em nosso esforço de fazer com que o Senhor marche ao som exigente do tambor de nossa vontade própria. Não nos apresentamos para suas ordens de marchar, mas dispomos das reservas de sua força para nossas batalhas. Ainda somos o comandante-chefe!

Neste padrão podemos acomodar o ensino e pregação mais fortes acerca dos ídolos. Acenamos aprovadamente com a cabeça quando o pregador fala contra os deuses diminutos. Exorta, pregador! Afirmamos a exposição dos ícones populares do mundo. Sacudimos a cabeça em consternação e olhamos ao redor com satisfação, deleitando-nos com o fato de que o evangelho está sendo pregado com tanta aplicabilidade a outras pessoas. Nossa cidadela do autocontrole ainda está intacta. A carnalidade de nossa vida não foi tocada.

Mas então nossos olhos voltam aos versículos que precederam as palavras inquietantes de João acerca de ídolos. Podemos prontamente concordar com o versículo 19: *“Sabemos que somos de Deus, e que o mundo inteiro jaz no maligno”*. Escutem, escutem a João! Podíamos encerrar o assunto aí, mas o apóstolo João não termina. Ele continua e nos coloca olho a olho, coração a coração com o próprio Cristo. Tornamo-nos menos cortantes com nossa salvação barata. *“Também sabemos que o Filho de Deus é vindo, e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.”* O que tem ele a dizer sobre nosso oportunismo utilitário?

A parábola de Jesus sobre lavradores maus me ajuda a compreender meu ídolo mais perigoso. Lembra-se da história? O dono da vinha alugou-a com suas parreiras abundantes, seus muitos lagares e tanques, um muro de proteção e torre. Tudo o que os viticultores tinham de fazer era desfrutar da vinha e de seus lucros e, no final de cinco anos, pagar um terço do produto ao dono. Aí estava a questão. Os viticultores egoístas e convencidos começaram a acreditar e agir como se a vinha lhes pertencesse. Eles a haviam trabalhado, podado os ramos, fertilizado a terra e arduamente feito a colheita. *“A vinha é nossa! Que direito tem o dono de reivindicar qualquer produto? Foi nosso trabalho e suor que fez a vinha produzir.”* Chegada a delegação de servos a fim de receber a porção do dono, foi apedrejada e lançada fora da vinha. Quando o filho do dono veio, mataram-no, esperando possuir a herança para sempre.

Esta parábola da autoexposição do coração de Deus foi contada por Jesus durante sua última semana em Jerusalém antes que fosse crucificado. Ajuda-nos a entender o que ele cria

ser sua missão em Israel, a vinha de Deus, e em nosso coração. A transição do que é dele, para nosso e para meu, nunca é imediata, mas se desenvolve em um longo espaço de tempo. Podemos até mesmo convidar o Senhor para entrar na vinha e dar o dízimo de nossos esforços, mas ele ainda é pouco mais que um hóspede de honra na vinha. Estamos certos de que ela nos pertence.

Mas isso é algo que o Senhor jamais será. Ele não tomará seu lugar em nossa prateleira de ídolos lindamente expostos. Ou ele é senhor de tudo ou não é senhor de nada. Isso me dá o desejo de dizer, depois orar e finalmente cantar em sentida submissão as palavras do hino de Andrew Reed:

“Espírito Santo, todo divino,

Habita em meu coração.

Lança fora todo ídolo

Reina supremo e senhor.”

ORAÇÃO PARA O DIA:

“Santo, santo, santo, Deus onipotente! Céus e terra estão cheios da tua glória. A ti sejam louvor e glória, Senhor altíssimo. Rei do universo, reina em nós. Senhor de toda a criação, renova nossos corações para amar-te acima de tudo. Bendito Cristo, habita em nós e vence todas as lealdades menores. Destrói os ídolos. Entregamos-te o ídolo do ego. Transforma nossas paixões até que se tornem incandescentes com a entrega a ti somente. Então permaneceremos em ti como nossa única razão de viver, agora e para sempre. Em teu poderoso nome que destrona os ídolos. Amém.”

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

3

Dia

II João 1.1-6

Amor em Verdade

“A quem eu amo na verdade, e não somente eu, mas também todos os que conhecem a verdade, por causa da verdade que permanece em nós, e conosco estará para sempre.”

II João 1.1 e 2

O convite para uma reunião dos líderes eclesiásticos da comunidade chamou minha atenção. *“Haverá uma reunião informal dos líderes religiosos da comunidade para uma hora de comunhão. É preciso que deixemos de lado nossas doutrinas e percepções da verdade e nos reunamos como amigos. Não haverá preletores nem agenda comprida, apenas comunhão!”*

Devo admitir que a possibilidade de uma reunião sem palestras ou agenda parecia atraente, mas indagava de mim mesmo qual seria o resultado da reunião. As palavras ‘apenas comunhão’ me intrigavam. O que queria dizer era que as pessoas passariam algumas horas conversando e tomando chá. Sempre me diverte e às vezes me alarma o uso da palavra comunhão nos círculos eclesiásticos. Pensamos ser ela uma camaradagem e um companheirismo que podemos produzir. O Novo Testamento não usa essa palavra assim tão levemente. Significa ter algo em comum. Mas o que temos em comum determina se receberemos ou não o dom da comunhão. É um dom espantoso concedido aos que têm Jesus Cristo como base de seu relacionamento. Não acontece apenas porque estamos reunidos.

Encaremos o fato: há diferentes níveis de relacionamento. Todos nós temos amigos, associados, vizinhos e pessoas amadas com quem não podemos ter comunhão. Podemos partilhar alvos e interesses mútuos, até mesmo envolvimento romântico e não estarmos em comunhão. Somente Cristo pode produzi-la - e somente se ambas as pessoas ou o grupo partilha de uma entrega a ele como Salvador e Senhor de suas vidas. Não podemos colocar de lado nossa percepção da verdade a respeito dele a fim de termos comunhão. Há uma verdade irredutível acerca dele que capacita a comunhão no mais profundo significado bíblico da palavra.

Há um interesse crescente na igreja a respeito da falta de comunhão nas congregações locais. Talvez o motivo seja que a tenhamos considerado como o mínimo denominador comum para os crentes em vez da mais elevada expressão do amor arraigado numa experiência contínua da verdade.

Era essa a preocupação de João ao escrever sua segunda carta, desta vez à *“senhora eleita e aos seus filhos a quem eu amo na verdade”*. Que designação linda dos escolhidos, pessoas chamadas por Deus. Diz respeito a uma igreja particular, provavelmente na Ásia romana e a seus membros. A segunda carta de João é breve - tem o comprimento de uma folha de papiro, cerca de 20x25 cm. Contudo, nessa folha foi preservada uma mensagem vital

e inegável a respeito da comunhão cristã. A carta poderia ser resumida em uma palavra: verdade. João queria que os cristãos desta igreja soubessem que não poderia existir comunhão duradoura com Deus, ou entre os cristãos, sem a suposição básica da verdade acerca de Cristo. Para o apóstolo, amor e verdade são irmãos gêmeos siameses. A vida de um depende do outro.

As circunstâncias que motivaram esta carta não são diferentes das nossas hoje. A igreja a quem foi escrita lutava para manter a comunhão de seus membros em face de variadas crenças acerca das experiências de Cristo. A heresia gnóstica havia esticado a textura da comunhão.

Será oportuna uma recapitulação do que já aprendemos. Existiam os que negavam a verdade essencial da encarnação. Questionavam o fato de Cristo ter, na verdade, vivido na carne como o Verbo de Deus. Outros sugeriam que o Espírito desceu sobre Jesus no batismo e o deixou antes da crucificação. Outros ainda afirmavam que Jesus era uma das muitas emanações de Deus, pouco mais que uma manifestação fantasmagórica. Ainda outros resistiam às implicações morais do senhorio de Cristo. João escreveu para levar a igreja de volta à verdade. A futura comunhão da igreja dependia dela.

João vai direto ao ponto no início da carta. Ele afirma a qualidade de seu próprio relacionamento com eles. *“A quem eu amo na verdade”* é mais do que um cumprimento; é o tema do que ele quer dizer a respeito de sua igreja aos cristãos que lutam. A frase-chave explica não somente como ele se sente a respeito deles, mas o que também deseja que tenham como base unificadora da vida da igreja. Ele deseja que amem uns aos outros na verdade. Nossa tarefa é determinar o que isso significa para nós.

Para João, verdade era sinônimo da doutrina básica cristã. A palavra corporificava o composto de tudo o que Cristo era, fez e é. Mais que isso, o próprio Cristo é a verdade - a respeito de Deus e da natureza real das coisas. Jesus disse: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”*. Se definirmos verdade como realidade essencial, Cristo como verdade revela o caminho para Deus e o modo pelo qual devemos viver.

A verdade de Cristo jamais pode ser separada da encarnação. Emanuel, Deus conosco, nasceu, viveu entre nós, morreu por nossos pecados, ressurgiu dentre os mortos e agora está conosco como Senhor reinante de toda a vida. Como o Senhor atual, ele nos ama e ama a outros por meio de nós. Amar em verdade é ser canal de seu amor. O amor mútuo em Cristo somente é possível entre os que o reconhecem como Salvador e Senhor. A crença na encarnação torna possível a sua encarnação em nós. De dentro, ele dá início ao amor autêntico, que dá e perdoa, ilimitado e sem reservas que podemos mostrar uns aos outros na comunhão. Ter diferenças acerca de Cristo debilita nossa capacidade de amar em seu nome e mediante seu poder.

Jesus deu ênfase à verdade por todo o seu ministério. Ele cria ser a verdade de Deus no mundo. As palavras que ele proferiu eram a verdade do Criador a respeito do que a vida devia ser. Ele afirmou claramente: *“Eu vim de Deus e aqui estou; pois não vim de modo próprio, mas ele me enviou”* (João 8.42). É por isso que ele pedia que as pessoas levassem a sério o que

ele dizia. *“Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”* (João 8.31-32).

Quanto mais profunda for nossa experiência da verdade, tanto mais livres estaremos para amar. Não apenas conhecemos a verdade acerca de Deus e de seu amor por nós, mas também podemos ousar aceitar a verdade a nosso respeito. Quanto mais reconhecemos nossa necessidade, tanto maior será nossa experiência da graça de Deus. Honestidade absoluta a respeito de nosso caráter e personalidade não apenas nos abre a fim de recebermos o perdão e o remodelamento terapêutico, mas também nos abre para sermos pessoas verdadeiras e reais para com os outros. A verdadeira comunhão cresce nesse contexto.

A oração que Jesus fez na noite anterior à sua crucificação revela o propósito de sua encarnação e o desejo de que seu povo experimente unidade uns com os outros. Essa oração é uma visão espantosa do próprio coração de Deus. Dá-nos a intenção da encarnação e as condições da verdadeira comunhão como companheiros cristãos.

Observe, primeiro, por que Jesus veio. *“Pai, é chegada a hora; glorifica a teu filho, para que o filho glorifique a ti; assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”* (João 17.1-3).

Agora veja o interesse do Senhor por seus discípulos e a verdade central que ele sabia haveria de uni-los: *“Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu me confiastes, e eles têm guardado a tua palavra. Agora eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste e eles a receberam e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste”* (João 17.6-8). Era esta a verdade que João desejava que os cristãos jamais diluissem. O motivo torna-se evidente na próxima fase da oração sacerdotal de Jesus pela igreja que nasceria depois da ressurreição, no dia do Pentecostes.

“Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós” (João 17.11). Jesus viu sua morte como a reconciliação do seu povo com Deus e de uns com os outros. Ele foi crucificado a fim de tornar-nos um.

A última porção da oração de Jesus significava muito para João porque lidava diretamente com as pessoas a quem ele escreveu sua carta. Depois de Jesus orar pelos discípulos, orou por aqueles que haveriam de crer por intermédio do ensino dos apóstolos. *“Não rogo somente por estes [os discípulos], mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste, e os amaste como também amaste a mim”* (João 17.20-23).

Certamente João tinha esta oração em mente enquanto escrevia aos cristãos. Agora podemos ver por que a verdade era tão importante para ele. Crer que Jesus era o Filho de

Deus e que sua palavra era a verdade absoluta era o primeiro passo para a unidade que Jesus prometeu. Isso era irrefutável, incontrovertível. A igreja devia ser a comunhão das pessoas que eram um assim como Jesus e Deus eram um. Espantoso! Uma verdade, um espírito, um propósito, um amor mútuo. Não admira que João estivesse decidido a manter a pureza da crença na encarnação.

Nesta pequena carta, com interesse imensurável, João fala de conhecer a verdade, nela permanecer e segui-la. Os últimos dois definem o primeiro. A compreensão intelectual da verdade conceitual deve ser vivida. O permanecer na verdade é interno - no ser interior. Seguir a verdade é relacional - a implicação moral da crença em nossos relacionamentos.

As palavras 'por causa da verdade que permanece em nós' e 'conosco estará para sempre' significam que o Cristo que em nós habita torna a verdade o monitor e motivador de nosso caráter. Quanto mais nos concentramos em Cristo, tanto mais nos tornamos como ele. Nossos pensamentos e emoções são reformados sem o percebermos. O resultado é que o que temos para partilhar na comunhão é amor, perdão, aceitação e alegria de Cristo. O Cristo em mim saúda o Cristo em ti. Tornamo-nos um nele. É por isso que há maior intimidade, unidade e liberdade capacitadora na comunhão que tem Cristo como centro. É impossível experimentar isso com alguém que ainda não permitiu que Cristo, a verdade, permaneça nele. O ponto e Pessoa de referência são diferentes. Sem Cristo habitando nela, a pessoa terá um conjunto de valores e propósitos totalmente diversos. Pode haver algum tipo de relacionamento, mas não comunhão.

João prossegue dizendo: *"Fiquei sobremaneira alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade, de acordo com o mandamento que recebemos da parte do Pai"*. Eis aqui uma condição vital para a koinonia. A comunhão autêntica cresce enquanto as pessoas em quem Cristo, a verdade, habita, seguem sua liderança juntos. A unidade de crença instiga a unidade de direção e alvos.

A comunhão na igreja não existe para si mesma; sua vida depende do movimento. Estamos juntos em amor profundo e mútuo a fim de podermos viver nossa fé no mundo. As pessoas que jamais conheceram a verdade e as estruturas sociais que negam ou destroem a verdade são os alvos da agenda da comunhão.

João dá a entender que amar em verdade é seguir os mandamentos do Senhor. É fascinante notar que o apóstolo sempre raciocina em círculo quando se trata do assunto do novo mandamento. Amor é o novo mandamento e amar segue esse mandamento. Cristo tornou isso claro. O amor a Deus deve ser visto no amor de uns aos outros. A qualidade do amor na comunhão deve nos liberar para o amor radical em nossos relacionamentos além da comunhão.

Isso nos ajuda a lidar com os níveis de relacionamentos que nos confrontam a todos nós. Temos amigos com quem partilhamos a verdade de Cristo. Estes são relacionamentos que muito trazem satisfação e apoio nos quais podemos ser nós mesmos, amar e sermos amados. Mas também vivemos com gente em nosso lar, trabalho e na comunidade que não partilha de nossa convicção e experiência da verdade. Não devemos esperar nem exigir que tenhamos

comunhão cristã com elas. Devemos usar os recursos do amor que recebemos na comunhão centralizada em Cristo a fim de modelar nossa vida cristã para eles.

A segunda carta de João traz em si o sentimento de atualidade. Poderia ter sido escrita como um guia para o reavivamento da igreja hoje. A necessidade dolorosa da vida da igreja contemporânea é a volta à pregação, ensino, vida e participação da verdade da encarnação. Todo cristão dinâmico volta diariamente à graça espantosa do que Deus fez e continua a fazer mediante Cristo. Com o entusiasmo renovado a esse respeito, ele está aberto à comunhão com companheiros de aventura, honesta e orientada pela verdade.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

4 Dia

II João 1.3

Apreensão do Futuro

*“A graça, a misericórdia e a paz, da parte de Deus
Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco
em verdade e amor.”*

II João 1.3

Acordei com um sentimento de ansiedade. Não havia uma causa aparente que eu pudesse identificar de pronto. Ela não desapareceu enquanto eu tomava banho, me vestia e tomava o café da manhã. Quando cheguei ao meu escritório para o trabalho do dia o inquietante estado de espírito havia aumentado. Sentei-me à escrivaninha e fiquei a imaginar o que poderia estar errado, tentando entrar em contato com o pânico que ia dentro de mim. Em minha oração matinal pedi que Deus me ajudasse. A hora de meditação finalmente revelou a causa do alarme que soava em minha alma.

Nos últimos meses eu tinha colecionado um saco de problemas não resolvidos e potenciais. Todos eles tinham de esperar por soluções, respostas de pessoas e pelo movimento dolorosamente lento da maquinaria da comissão institucional. Ser o tipo de pessoa do “faz agora” e “resolva o problema hoje” torna isso excruciante. Quantia alguma de liderança impulsionadora, inspiradora ou manipulação trouxe os resultados desejados. Geralmente posso tolerar muitas situações do tipo “nós te avisaremos, não nos chame, nós o chamaremos”. Mas várias destas tinham sido adicionadas a algumas visões não cumpridas que eu sentia que Deus havia colocado em minha agenda. A impaciência tomou conta de mim. O acúmulo finalmente me apanhou. Pela primeira vez em anos, duvidei de mim mesmo. Se tão somente eu fosse mais suficiente ou eficiente ou criativo, haveria mais progresso em direção aos alvos que eu estabelecera. De súbito percebi que estava ansioso acerca do futuro. Como é que as coisas sairiam? Haveria soluções? O que eu faria se os sonhos não frutificassem?

Você já se sentiu assim? Já teve dias como esse? Quais são seus sentimentos acerca do futuro? Confiantes? Ansiosos? Incertos? De pânico?

Há épocas em que somos atingidos com uma lufada mista de antecipação e preocupação pelo futuro, muitas vezes quando menos o esperamos. Nosso futuro pessoal ou profissional parece estar indo por água abaixo. Pode haver pouca evidência concreta de que isto possa ser verdade, mas a inquietação persiste. O problema se encontra não nas circunstâncias desconhecidas do futuro, mas em nosso interior.

Embora eu não pudesse ter escrito naquela manhã, posso fazê-lo agora. Estou contente de que tenha acontecido. Tenho sido abençoado com uma natureza positiva e afirmativa. É minha disposição costumeira esperar que tudo saia da maneira correta e na hora certa. Passar por este espasmo alarmante de frustração emocional colocou-me em contato

com o que muitas pessoas lutam todos os dias de suas vidas. Outros o encaram em transes cruciais. Talvez você se encontre em uma dessas ocasiões neste instante enquanto lê este capítulo. Talvez alguém que você ama esteja sofrendo de *“inquietações do futuro”*. Tantas pessoas a quem ouço todos os dias são incapazes de ser amigas do seu futuro.

Naquela manhã, quando eu estava sendo atacado pelo vírus das frustrações futuras, meus estudos estavam sendo feitos em II João. Muito antes de escrever um capítulo sobre uma passagem bíblica, eu a uso para minha própria leitura devocional, a fim de absorvê-la antes de tentar colocar meus pensamentos em palavras. Minha súplica para que Deus me ajudasse naquela manhã foi respondida no terceiro versículo da carta de João e teve tal significação para mim que reservei esse versículo para um capítulo de nosso estudo.

Os leitores de João estavam tão inseguros do futuro como às vezes ficamos. A saudação do apóstolo fora escrita a uma igreja na província romana da Ásia, mas o Espírito Santo tornou-a uma palavra muito pessoal para mim naquela manhã. Quebrou o laço e me libertou para confiar a Deus todas as minhas *“apreensões do futuro”*.

“A graça, a misericórdia e a paz, da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor.” O tempo verbal futuro saltou da página. Eu não tinha notado isso antes. A maioria das cartas do Novo Testamento tem uma saudação que delinea várias das bênçãos de Deus. Esta é a única que está no futuro. Creio que João tinha mais em mente do que belas normas de escrever carta, ele queria que seus amados amigos soubessem que os dons essenciais de Deus oferecidos mediante a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, seriam mais que suficientes para as contingências inesperadas do futuro. A despeito do que lhes acontecessem, a graça, a misericórdia e a paz seriam sua experiência. Desejo levá-lo por meio da experiência que tive deste versículo naquela manhã.

Em primeiro lugar, fui profundamente movido pela confiabilidade completa da fonte da promessa futura. Deus o Pai - isto teria sido suficiente. Mas João acrescenta o superlativo, *“e de Jesus Cristo, o Filho do Pai”*. Isso levou-me de volta à encarnação. Aquele a quem eu podia confiar meu futuro era o criador, sustentador, redentor e Senhor de todo tempo e espaço. Nada mal para principiar! Então comecei a repassar na mente o que o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo significavam para mim pessoalmente. A celebração do Natal, da Páscoa e do Pentecostes foi incorporada em uma para mim naquela manhã. Deus havia invadido a vida humana - minha vida. Não havia um único problema que me viesse à mente que não fora resolvido naquela passagem do Mestre.

Sua morte foi o perdão *“uma vez e para sempre”* dos meus pecados. Isso ajudou-me a perceber que o temor do futuro é, na verdade, temor do fracasso. Se tudo o que eu tinha planejado e por que me esforçava não se realizasse, eu estava livre para aceitar o fracasso na segurança calorosa do perdão do Senhor. Isso me deu ousadia e confiança renovadas - agora não em mim mesmo, mas nele.

Um lembrete da ressurreição me deu esperança. Lembrei-me da promessa do Senhor: *“Porque eu vivo, vós também vivereis”*. Se a morte já foi derrotada, que tenho eu a temer? Estou vivo para sempre. Os breves dias desta vida são penosamente curtos em comparação com a eternidade. Além disso, a ressurreição é a promessa divina não apenas para quando

morrermos, mas também para nossa *“morte diária”*, como Paulo o disse. A morte de nossos sonhos e desejos sempre é seguida pela ressurreição de uma intervenção inesperada do Senhor. Quando abrimos mão de nossos amanhãs ele nos dá confiança ao nosso presente. Senti isso enquanto estudava e orava naquela manhã.

Seguiu-se o Pentecostes. Reafirmei o meu privilégio de ser um recipiente do clímax da encarnação histórica. O Cristo ressurreto é o Espírito que em mim habita. Minhas apreensões do futuro eram a dádiva que me permitia conhecer o dom maior de uma plenitude nova do Espírito. Lembrei-me de algo que tenho ensinado e pregado a outros. O Espírito Santo concede-nos dons para cada oportunidade ou desafios novos. Não podemos armazená-los como uma concessão permanente. São nos dados como equipamento para o ministério eficaz - a cada instante de cada dia. A preparação para o futuro é um relacionamento presente e pessoal com o Doador dos dons. Com essa segurança, podia ouvir o Senhor dizer: *“Dá-me teus amanhãs”*, o dia e o caminho seriam concedidos.

Minha mente repassou os mais de trinta anos que tenho vivido na nova vida em Cristo. Pensei em sua estratégia perfeitamente cronometrada em minha vida. Sempre a tempo! As igrejas que servi, os movimentos de que participei, meu casamento, a cura do câncer de minha esposa, os anos de criação dos filhos, as coisinhas, os problemas diários - o Senhor jamais falhou em dar-me o que precisava. Mas nunca adiantadamente. Senti a corda tensa da pressão se afrouxar dentro de mim. Era como se o próprio Senhor me soltasse os dedos da garra autocrática do futuro. Suas palavras em meu ser interior eram penetrantes. Ele queria que eu abdicasse de tentar dirigir o universo. A confiabilidade total da fonte da promessa de João modificara meu estado de espírito.

Agora eu estava pronto para me apropriar da disponibilidade absoluta da substância da saudação magnífica do apóstolo. A graça, a misericórdia e a paz. Contemplei os problemas ainda por solucionar que sobrecarregavam os circuitos de minhas emoções. Se eu pudesse ter a certeza de que cada um deles seria uma oportunidade para experimentar de novo a graça, a misericórdia e a paz, tudo estaria bem.

Passei cada uma dessas palavras na mente e descobri uma nova visão. Há progressão nestas palavras. Uma segue a outra irrevogavelmente. Graça é a natureza imutável de Deus; misericórdia é sua natureza aplicada às nossas necessidades; paz é sua natureza em nós. Podemos ter a certeza de que a graça de Deus, seu favor imerecido para conosco, é tão previsível quanto o nascer do sol. Ele não se negará nem se contradirá. Podemos contar com isso. A sua misericórdia é o amor envolvente e identificador. Ele estará nas situações que tememos no futuro. Por sua providência, todas as coisas cooperam para nosso bem e seu plano. A paz recobre nossos corações quando realmente cremos nisso.

Não tinha pensado nisso antes. Graça, misericórdia e paz são os dons especiais para os três aspectos de nossa natureza. A graça pode ser contemplada. Podemos pensar no que Deus é. A misericórdia é experimentada em nossas emoções. Sentimo-nos amados e esse amor lança fora o temor e a ansiedade. A paz, recebemo-la somente depois de termos entregue nossa vontade para fazer a vontade de Deus a todo custo. A única maneira de lidar com o amanhã é aceitar os três dons hoje: meditar na sua graça, permitir-lhe nos amar com misericórdia e dar-lhe controle completo em troca de uma paz duradoura.

Paulo estava certo: *“Agora mesmo Deus está pronto a dar-lhes acolhida. Hoje ele está pronto a salvá-los”* (II Coríntios 6.2, BV). Sabendo disso, podemos olhar com esperança para o amanhã. Será emocionante ver como o Senhor há de usar tudo a fim de nos dar a graça que nos sustém, a misericórdia que nos anima e a paz que nos conforta. Sua promessa é segura: *“E eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos”* (Mateus 28.20). *“Portanto não fiquem aflitos quanto ao dia de amanhã. Deus cuidará do dia de amanhã para vocês também. Vivam um dia de cada vez”* (Mateus 6.34, BV). Era isso tudo o que eu precisava saber. Minhas apreensões do futuro haviam sido curadas.

ORAÇÃO PARA O DIA:

“Querido Senhor do futuro, louvamos-te porque sabes o que fazes com nossos amanhãs. Com confiança, aguardamos cada novo dia e esperançosamente procuramos descobrir tua graça, misericórdia e paz em todos os nossos problemas e potenciais não resolvidos. cremos que tudo o que nos acontecerá será usado para teu plano e propósito. Obrigado por curares nossas apreensões futuras. Amém”.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

5 Dia

II João 1.7-13

Tolerância, uma Tragédia

“Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo a fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne.”

II João 1.7

Há tanto *“bem, o mínimo que podemos fazer é ser tolerantes!”* A mulher queria dar significação magnânima à exclamação. De certa forma, ela tinha razão. O mínimo que podemos fazer é tolerar.

Vivemos numa época em que a tolerância tem se tornado a coroa das virtudes de conduta. Tem sido um antídoto importante contra o preconceito. Fomos ensinados a tolerar crenças, ideias e formações dos outros. Mas a mera tolerância em si mesma é ineficaz quando se trata de real interesse pelas pessoas e de tomá-las a sério.

Ninguém deseja ser apenas tolerado. Todos nós desejamos mais do que indulgência para nossas convicções ou estilo de vida. Tolerância desinteressada comunica falta de estima e valor. Quem é que deseja que os outros simplesmente suportem nossas diferenças ou singularidades?

Alguns de nós nos ocultamos por trás da asseveração simplista e sentimental de que não faz diferença o que a pessoa crê. Dizemos que todos têm o direito de crer no que desejar. Soa bem, não é?

Mas quando o interesse pela pessoa nos dá o direito de confrontá-la acerca da crença que poderá defraudá-la de uma vida plena e abundante? E se essa pessoa estiver promulgando ativamente crenças debilitadoras a outros? É nossa responsabilidade batalhar pela verdade? Pode a tolerância ir longe demais?

A resposta altissonante de João seria *“sim!”*. Sua segunda carta, a partir do versículo 7, parece muito intolerante para com os dissidentes gnósticos da fé e da comunhão da igreja. João não só preveniu os cristãos a considerá-los como enganadores e como o anticristo, mas também instou com eles a que os denunciassem e que resistissem à doutrina herética que estavam pregando.

A princípio, as palavras do apóstolo do amor parecem duras e estranhamente inconsistentes com sua admoestação a todo instante repetida de que devemos amar uns aos outros. Há contradição aqui? Não deve o amor levar os membros da igreja a ter um espírito de aceitação tolerante a despeito do que os gnósticos disserem ou fizerem? Ficamos a indagar a respeito da instrução de João de não recebermos tais pessoas em nossas casas, nem dar-lhes uma saudação. Será que apanhamos o apóstolo em alguma fraqueza - a incapacidade de

expressar amor a certos indivíduos? Há limite para a qualidade de amor sobre o qual ele tanto escreve?

João nos mostrou que há uma época quando o amor genuíno nos faz intolerantes. Foi por causa do amor ágape que ele se tornou muito protetor da pureza da igreja. Ele sabia que se a heresia gnóstica continuasse a se espalhar lentamente na igreja, o ministério futuro seria prejudicado. Além disso, o apóstolo se preocupava o suficiente com os próprios gnósticos para não brincar com suas atividades divisivas. Haviam adotado crenças que negavam a vida eterna, então e para sempre. Tolerância seria aprovação tácita. Para ele seria tanto falta de amor não fazer nada nesse caso quanto seria permitir que alguém tomasse veneno em nossa presença.

Como já vimos em I João 4.2-3, os gnósticos negavam a realidade da encarnação. Não criam que Jesus fosse o Cristo e que realmente tivesse habitado na carne. Nesta segunda carta há uma mudança no tempo do particípio que torna a situação ainda mais intolerável. *“Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne.”* O tempo médio do particípio presente enfatiza a encarnação continuada. João está alarmado não apenas porque não aceitaram que Jesus Cristo veio, mas que ele vem. O assunto em pauta era a realidade contínua da encarnação.

A negação da encarnação histórica de Deus em Jesus de Nazaré, o Messias, leva afinal à negação de sua influência e intervenção em nossa vida diária. Se Deus que é espírito, bom, portanto, não podia entrar na carne que era má, como é que ele teria qualquer contato e interesse por nossa vida na carne? O Deus gnóstico estava separado do mundo real. Eles se apegavam à dicotomia rígida entre o bem e o mal, entre o espírito e a matéria, entre Deus e a carne. Isso não apenas negava a encarnação, a cruz e a redenção, mas também resultava em um tipo de heresia que negava o poder do Espírito Santo de entrar nas vidas dos cristãos e transformar a sua humanidade. Seja você o juiz: deviam João e os membros da igreja tolerar esta distorção falaz da verdade?

Na realidade, os gnósticos eram muito intolerantes com os cristãos. Estavam constantemente tentando persuadir os membros da igreja a se afastarem da verdade central do evangelho. Infiltrando-se na igreja, tentavam enfraquecer a crença na encarnação dentro do Corpo de Cristo. Diziam ter um ramo de Cristianismo adiantado e mais altamente refinado. É a isso que João se refere no versículo 9: *“Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem assim o Pai, como o Filho”.* No grego, a palavra *“ultrapassa”* é proagon, que significa sair de antemão. Os falsos mestres se diziam ser os pensadores progressistas e que os cristãos eram atrasados na sua dependência da doutrina da encarnação. João era a favor de progresso e de adiantamento criador, mas sempre baseado na verdade essencial de que Deus veio na carne e entra na realidade crua da vida diária e de todos os momentos. A teosofia gnóstica, que dizia ter uma nova perspicácia mística e esotérica a respeito de Deus, fez de Jesus uma das muitas emanções divinas. Isso não era pensamento adiantado de modo nenhum. Era uma antiga ideia que existiu entre os gregos por muito tempo. João saiu para uma confrontação direta da atitude intolerante dos gnósticos.

Ficamos espantados com o conselho radical do apóstolo aos cristãos sobre como lidar com os falsos mestres. *“Se alguém vem ter convosco e não traz essa doutrina, não o recebeis*

em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá as boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más” (vv. 10 e 11).

Minha primeira reação é objetar dizendo que a severidade de João é excessiva. Como é que os cristãos poderiam ter qualquer influência sobre os gnósticos se se recusassem a ter alguma coisa a ver com eles? Não teria sido melhor desenvolver um relacionamento de confiança com eles a fim de poder levá-los de volta à verdade?

João via a situação em dimensões de emergência. Os mestres confusos iam em busca da veia jugular do Cristianismo. Eles tinham de se chocar contra a realização de que seu ensino era falso e destruiria a igreja.

Quando João diz: *“Não o recebeis em casa”*, ele fala a respeito da comunhão da igreja que se reunia em uma casa particular. O impacto é: não permita que os filósofos sejam parte da igreja. Não lhes deem o púlpito de onde possam apresentar suas teorias distorcidas; não confundam os possíveis convertidos à fé com a ideia de que o gnosticismo é uma expressão legítima do Cristianismo.

A saudação que João diz e que deve ser retirada é a saudação da paz que era trocada pelos cristãos. Talvez ele tenha em mente *“o beijo da paz”*. Seria completamente fora de propósito saudar uma pessoa em nome de Cristo se essa pessoa não cria ser ele o Verbo encarnado de Deus. Os dissidentes tentavam fingir fazer parte do Cristianismo a fim de ganhar os cristãos para suas ideias. E por isso que não podia haver comprometimento com eles.

O que significa tudo isto para nós? Muito! Vivemos em uma época em que manifestações contemporâneas do mesmo problema perturbam a igreja e os cristãos. Somos confrontados, na igreja, com as negações abertas e sutis da encarnação. Líderes e membros da comunidade cristã evitam a centralidade de Jesus Cristo e da encarnação. Ele é apresentado como o melhor dos homens bons, mas não como Salvador e único caminho para Deus. Ou os ensinamentos de Cristo são usados como base de perspicácia psicológica sem a necessidade de aceitar a Cristo como Senhor de nossas vidas. Ele é ensinado como um dos muitos caminhos para Deus. Evita-se o problema do pecado como separação de Deus. Sentimentaliza-se a cruz. Negligencia-se a necessidade da conversão e passa-se por alto o novo nascimento. Tudo em nome do Cristianismo!

Muitos grupos que abertamente negam a encarnação como a principal pedra de toque do Cristianismo desejam ser chamados de igreja. Para isenção de impostos, muitas vezes. Mais frequentemente é um desejo de usar um arremedo da vida da igreja a fim de afastar as pessoas do Cristianismo histórico. Cuidado! A cientologia é um dos mais perigosos ofensores. Na cidade de Los Angeles, ela é um dos movimentos mais militantes que buscam levar os jovens para longe da confiança básica de Cristo como único Salvador e Senhor. Por todo o país há um ressurgimento de seitas e movimentos de *“novo pensamento”*. Muitos dizem ser um ramo do Cristianismo enquanto misturam o evangelho com religiões orientais, meditação e autoajuda psicológica.

Mas o problema maior é o dos crentes que negam o evangelho pela suposição básica do Cristianismo culturalizado. Entre nossos amigos estão os que creem que Deus ajuda

somente os que ajudam a si mesmos; que podemos sincretizar Cristo e nossa paixão pela segurança material; que somos amados por Deus porque somos bons, honestos e industriais. A recusa de ver a si mesmos como pecadores que necessitam de perdão, nega a natureza radical da encarnação. A marca contemporânea de gnosticismo é expressa por aqueles que se apegam aos costumes do ano cristão, inclusive Natal, Páscoa e Pentecoste, sem uma experiência pessoal com Cristo hoje. A prova não é somente que Cristo viveu, mas que ele vive hoje - em nós e como Senhor da história.

O fenômeno espantoso de nossa época é o grande número de membros de igreja que estão descobrindo um relacionamento pessoal com Cristo pela primeira vez. Pessoas que frequentam igrejas estão se despertando. O Cristo que veio continua a vir para encarnar a realidade de seu nascimento, morte, ressurreição e poder permanente nas pessoas hoje. Alguém foi além da tolerância indiferente para dizer-lhes o que estavam perdendo.

João desafiou-os a amar com profundidade bastante para fazer mais do que tolerar as pessoas. Devemos reconhecer o perigo do ensino e pensamento falsos. O confronto é uma expressão de amor. Ninguém recebe ajuda da aceitação superficial que não lida com as pressuposições básicas. Somos chamados a levar as pessoas a uma séria discussão do que creem. Quando as crenças básicas da igreja estão em perigo, devemos amar o suficiente para levantar o padrão de autoridade da Escritura e do máximo irreduzível da encarnação de Cristo como o fato central da história e como nossa única esperança hoje.

Um homem brilhante que há pouco se tornou crente expressou o ponto de modo dramático: *“Estou muito agradecido de que você me tenha procurado. Você ouviu a todas as minhas digressões filosóficas com paciência, mas não com tolerância. Você se preocupou o suficiente para me encontrar ponto a ponto, ideia a ideia. Você levou a sério minha luta. Eu jamais me teria tornado crente se não tivesse percebido que você estava absolutamente convencido de que Cristo era a única resposta para minha vida (...) e que eu estava perdido sem ele. Se eu pudesse ter introduzido uma cunha nessa convicção, ou se você me tivesse despedido com uma ambiguidade qualquer, eu não teria continuado a procurar”*.

Há gente como este homem na vida de todos nós. O Senhor as colocou em nossa esfera de influência porque ele as ama. Nosso amor por elas deve ser decisivo e penetrante. Se ficarem sabendo que nos importamos com elas, responderão ao nosso desejo de falar do que descobrimos. Compete a nós descobrir modos de levantar questões, desafiar valores e mostrar às pessoas a diferença que Cristo fez em nossa vida. Tolerância sem envolvimento não é amor de maneira alguma!

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

6

Dia

III João 1.1-10

Viver Gracioso

“O presbítero ao amado Gaio, a quem eu amo na verdade (...) mas Diótrefes, que gosta de exercer a primazia”

III João 1.1 e 9

O anúncio apresentava uma grande promessa: *“Descubra o viver gracioso nestes magníficos condomínios!”* Como se o viver gracioso pudesse ser adquirido com um condomínio de luxo, os vendedores prosseguiram falando de ambientes agradáveis em uma vizinhança rica. Isso me levou a pensar no que seja realmente o viver gracioso.

Talvez fosse esse o motivo pelo qual o anúncio no Dia de Ação de Graças num restaurante local me tenha chamado a atenção. *“Passe um Dia de Ação de Graças gracioso em nossa companhia.”* Pensei nas pessoas que estavam distantes do lar, ou sem família, que podiam aceitar a oferta. Depois meu pensamento foi para os lares em que as celebrações do Dia de Ação de Graças seriam tudo, menos graciosas.

Com isso em mente, fui particularmente sensível a um comentário que certa senhora fez ao sair da igreja: *“Obrigada por ser uma igreja graciososa!”*. Parei-a para perguntar o que ela queria dizer com essas palavras.

- Bem - respondeu ela - senti-me aceita e bem-vinda. Embora eu ficasse abismada com o tamanho da congregação, senti que o culto era justamente para mim. As pessoas ao meu redor no santuário me fizeram sentir importante e de valor, como se eu fosse membro desta igreja a vida toda.

Senti-me gratificado pela confirmação de que dois sermões haviam sido pregados naquele domingo: um pelo pastor e o outro pela congregação assentada nos bancos da igreja. Um dos maiores desafios da igreja local é que sua vida seja coerente com sua mensagem falada. Um instrumento eficaz de evangelização para o crescimento é a qualidade da comunhão.

O que é o viver gracioso? O que nos torna pessoas graciosas a outros? Estas questões giravam em minha mente como roupas na máquina de lavar, quando reli a terceira das cartas de João às igrejas. Sua súplica era por graciosidade. A comparação de duas personalidades muito diferentes, Gaio e Diótrefes, esclarece o que significa o viver gracioso para o cristão. A terceira carta de João é o ânimo para que a igreja pratique a hospitalidade.

A carta é dirigida a Gaio. Quem foi ele? Houve três Gaios no Novo Testamento. Gaio de Corinto foi o anfitrião de Paulo, a quem o apóstolo se refere com admiração em Romanos 16.23. Depois houve o Gaio de Derbe que levou a oferta para os pobres de Jerusalém,

registrada em Atos 20.4. Um terceiro Gaio é, de longe, a melhor escolha. Foi o macedônio que participou de um motim em Éfeso no conflito entre os cristãos e os ourives. Ele foi claramente identificado com Paulo e era um dos seus fiéis seguidores. Sua dedicação a Cristo foi galvanizada pela perseguição. Diz a tradição que ele foi feito bispo da igreja de Pérgamo, uma das igrejas que receberam as cartas de João. A proximidade geográfica, ligada à experiência de Gaio e o crescimento em Cristo na província romana da Ásia, convencem-me de que era o mesmo homem cujo nome se encontra na abertura desta terceira carta.

João diz algumas coisas notáveis a respeito de Gaio e de sua liderança. Sentimos a profundidade da intimidade cristã expressa em sua amizade. Tudo o que João ensinou acerca da intimidade e calor da verdadeira koinonia em Cristo é exemplificado na maneira em que escreve a Gaio e o que diz a seu respeito.

Nos primeiros dois versículos da carta João se refere a Gaio como *“amado”*. A palavra grega é carregada de significado. Enraizada na qualidade de amor tipo ágape que João usou para distinguir o amor de Deus, é dar e perdoar, imutável e ilimitado, não motivado por nosso merecimento e não qualificado por nossa execução. João ama a Gaio com esse tipo de amor. Amado é a palavra de apreço da intimidade cristã. Comunica deleite, apreciação e admiração. Acima de tudo, amado carrega a carga preciosa de esperanças e sonhos partilhados e também a experiência mútua de profundo perdão e segurança. Somos agapetoi (amados) uns dos outros quando juntos encontramos ágape. Essa qualidade de relacionamento gracioso deve crescer no rico solo da verdade partilhada e também do sentimento. Então João escreveu: *“ao amado Gaio, a quem eu amo na verdade”*. Todos nós devemos ter a mesma mente e o mesmo coração com os outros que partilham conosco a aventura de seguir o Mestre. João tinha enfatizado isso na segunda carta.

O amor ágape possui a qualidade graciosa do cuidado. João deseja saber como vai seu amado amigo Gaio. Diz estar orando para que tudo vá bem com ele. Note que as orações de João são para a vida física e também espiritual. A graciousidade é inteira: interessa-se pela vida emocional, física e relacional da pessoa.

Certo homem expressou o problema de nossas vidas ocupadas hoje, dizendo: *“Quem é que se importa mais, de verdade?”*. A longa série de experiências esmagadoras o haviam levado a esta pergunta chocante.

Gaio se importava e construiu uma igreja de pessoas que se interessavam umas pelas outras. João havia recebido notícias da igreja de Gaio. Ficara sabendo que a fidelidade de Gaio na pregação e no ensino de Cristo resultara no desenvolvimento de uma congregação graciosa. As pessoas viviam a verdade nos seus relacionamentos diários. *“Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade”* (v. 4).

Quando o evangelho é vividamente proclamado, a verdade objetiva do amor de Deus na cruz cria expressão subjetiva na atitude das pessoas, umas para com as outras. Recentemente, os diáconos de nossa igreja adotaram o propósito básico de cuidar da congregação para que as pessoas aprendessem a cuidar umas das outras, de modo que, então, todos nós pudéssemos cuidar do mundo por quem Cristo morreu a fim de salvar. Isso deixou a

mim e aos meus pastores auxiliares com o desafio de nos interessarmos pelos diáconos de modo que pudessem realizar este propósito. Gaio é o nosso guia.

Ele ajudou seu povo a proceder fielmente, a realizar uma obra de fé. Eles prestavam serviço não apenas a membros da igreja, mas também a estrangeiros. Mateus 25.35 ressoa em nossas mentes. Jesus disse: *“Era forasteiro e me hospedastes”*.

Rapidamente unimo-nos à interrogação apressada dos discípulos: *“Quando te vimos forasteiro e te hospedamos?”* A resposta perturbadora do Senhor foi que no estrangeiro eles o encontrariam e o que fizessem para hospedar o forasteiro, seria feito para ele. A igreja de Gaio tinha se distinguido por toda a província por sua hospitalidade e serviço aos forasteiros.

Hospitalidade é graciosidade prática. É a expressão do amor tipo *“coração e lar abertos”*. As epístolas do Novo Testamento estão cheias de admoestações acerca da obrigação da hospitalidade cristã. Paulo desafia os cristãos de Roma: *“praticai a hospitalidade”* (Romanos 12.13). Pedro diz: *“Sede mutuamente hospitaleiros sem murmuração”* (I Pedro 4.9). A carta aos Hebreus vai mais longe quando sugere que os estrangeiros podem ser visitas do Senhor. *“Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos”* (Hebreus 13.2). Anjo é um mensageiro de Deus. O significado para nós hoje é que Deus nos abençoa enviando-nos pessoas que podem enriquecer nossa vida, mas também que nos dão a oportunidade de praticar nosso amor cuidando de suas necessidades. Em dar somos mais abençoados que o estrangeiro que recebe. Quando Paulo delineou as qualificações do bispo, a hospitalidade foi colocada junto com qualidades tais como fidelidade no casamento, temperança, sensibilidade, dignidade, habilidade de ensino e a liberdade de bebedice, violência, contendas e amor ao dinheiro (I Timóteo 3.2-3). À luz deste texto, podemos verificar por que ele queria que Tito fosse *“hospitaleiro”* (Tito 1.8).

João, em particular, elogiava a igreja hospitaleira de Gaio não apenas porque forasteiros não cristãos eram bem recebidos e apresentados a Cristo, mas também porque sua congregação servia como ponto de parada para os pregadores, profetas e missionários itinerantes que procuravam alcançar o mundo pagão fora da igreja. O povo de Gaio dava as boas-vindas a estes aventureiros, ministrava a suas necessidades pessoais e os enviava em sua missão renovados física e espiritualmente. Eis uma congregação missionária no primeiro século. A preocupação com o bem-estar da congregação local não impedia o apoio à expansão do Cristianismo. Gaio e sua igreja perceberam a missão que incluía o que Deus fazia em sua igreja e além no mundo. Nem todos eles foram chamados para serem missionários, mas seu amor e apoio envolviam-nos no empreendimento missionário da igreja.

Nem todos creem nisso. Alguns se tornam defensores da igreja local e de sua autoridade. Diótrefes seria um patrocinador petulante do localismo. Ele se opunha à praxe de portas e coração abertos de Gaio. Seu debate contra os forasteiros, inclusive João, ganhou-lhe um lugar nas Escrituras - o último. Ele é lembrado como aquele que se recusou a dar boas-vindas aos estrangeiros, apoiar os missionários e submeter-se à sabedoria dos líderes da igreja.

A formação cultural é útil. Pelos fins do primeiro século, emergiu uma autoridade ordenada. As congregações locais eram dirigidas por anciãos comissionados e ordenados pelas pessoas. Diótrefes provavelmente foi um desses oficiais da igreja. Gaio parece ter tido

liderança mais ampla sobre uma cidade ou área. Os pregadores itinerantes tinham um campo ainda maior de responsabilidade e iam de congregação a congregação pregando o evangelho. Eram como missionários viajantes. Acima de todos estava João, cuja autoridade se firmava no apostolado. Ele havia feito parte do grupo original dos discípulos de Jesus, testemunhara a crucificação e a ressurreição e fora instrumento na expansão da igreja infante. O problema de Diótrefes era não querer receber direção nem sabedoria de ninguém. Ele considerava sua igreja como seu domínio privado.

Seu espírito imperioso era alimentado por uma malignidade espiritual. João a diagnosticou. Diótrefes gosta de se colocar em primeiro lugar. É por isso que ele não podia reconhecer a autoridade de João nem aceitar ajuda dos itinerantes. Sua arrogância que diz *“eu mesmo farei”* o levou a um tipo de independência que diz *“tire as mãos de minha igreja!”*. Diótrefes era ambicioso e competitivo. Ansiava por glória e reconhecimento. Uma insegurança dorida que ele não havia permitido a Cristo curar tornava-o problemático e divisivo. Nada parecia satisfazer ao seu ego dilatável. Levado por motivos errados, cometeu traição espiritual. Atacou o próprio apóstolo João, recusando-se a permitir que suas cartas fossem lidas à congregação. Uma referência à segunda carta de João. Pelo fato de ser essa carta uma condenação direta do gnosticismo, somos levados a concordar com os eruditos bíblicos, como A. T. Robertson, que Diótrefes simpatizava com os gnósticos e era um dos líderes perigosos, que desviava a igreja para um sincretismo de heresia e Cristianismo.

Seu nome Dios e trepho significa nutrido por Zeus e sugere uma formação pagã. O problema era que ele era nutrido por uma paixão venenosa e agressiva, de estar no controle. Ele se destacava na disputa de minúcias e afastou a igreja do propósito de ser uma comunhão de crentes inclusiva, contagiosa e centralizada em Cristo.

João di-lo de maneira direta: ele está *“proferindo contra nós palavras maliciosas. E, não satisfeito com estas coisas, nem ele mesmo acode os irmãos, como impede os que querem recebê-los, e os expulsa da igreja”* (III João 1.10). O debate teológico era uma cortina de fumaça para seu relacionamento instável com Cristo. No íntimo, seu coração era poluído. Não é tanto o amor pela verdade que conserva as pessoas separadas, mas o amor distorcido a nós mesmos.

De novo, como na segunda carta, João nos mostra que o confronto faz parte da graciosidade. Ele vê Diótrefes pelo que é e faz planos de confrontá-lo quando visitar a igreja. É preciso uma grande medida de amor para encarar a pessoa e resolver as dificuldades diretamente. Com frequência pensamos na graciosidade como agradabilidade fácil. A verdadeira graciosidade é dura, incisiva e honesta. O amor é precioso demais para ser diluído em jovialidade irresponsável. João realmente se importa com Diótrefes e com o que ele causa à igreja. Sua disputa seria rebatida com a responsabilização dinâmica.

Ficamos a imaginar se o motivo por que muitas vezes temos falta de graça seja por termos sentimentos ocultos por pessoas que impedem nosso amor e interesse. Negligência é rejeição!

O viver gracioso é a vida no fluxo do Espírito de Jesus. É uma vida de liberdade e alegria porque nos oferece mais do que recursos adequados para cada dia. Companheirismo

com ele reproduz sua vida e amor por nosso intermédio. Mas João sempre nos dá uma base segura a fim de avaliarmos nossa experiência do que ele nos ensina. Hospitalidade é a expressão externa de uma pessoa graciosa.

Certo aluno de teologia perguntou a seu pastor: *“Como estou indo?”*. *“Indo em quê?”* foi a resposta honesta, indicativa da inatividade do estudante em expressar hospitalidade graciosa às pessoas em necessidade do amor curador. O Diótrefes diminuto e insensível estava por demais ocupado com as batalhas teológicas e com as críticas a seus oponentes para levar avante o negócio principal da vida.

A questão crítica não é como estou indo, mas o que estou fazendo.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

7 Dia

III João 1.11-12

Oh, Demétrio!

“Quanto a Demétrio, todos lhe dão testemunho, até a própria verdade, e nós também damos testemunho; e sabes que o nosso testemunho é verdadeiro.”

III João 1.12

Um único versículo capta o drama da transformação de uma personalidade. Uma referência de passagem nos leva à história de uma vida. João menciona uma pessoa chamada Demétrio, que tem um testemunho tríplice da autenticidade de sua dedicação a Cristo: de todos, da igreja e do próprio João. Que recomendação! Quem é esse Demétrio e que nos diz sua vida a respeito da vida íntima de poder que João tão eloquentemente descreve em suas cartas?

Creio que esse Demétrio não era outro senão o ourives de Éfeso, líder da oposição a Paulo quando este pregou o evangelho naquela Feira da Vaidade da província romana da Ásia. Atos 19 nos fala dele: *“Por esse tempo houve grande alvoroço acerca do Caminho [Cristianismo]. Pois um ourives, chamado Demétrio, que fazia de prata nichos de Diana, e que dava muito lucro aos artifices”* (vv. 23 e 24).

Estas miniaturas do templo, adquiridas a altos preços e colocadas nas casas, tinham em seu interior uma estátua de Diana, a deusa da fertilidade. O templo construído em sua honra em Éfeso era considerado uma das sete maravilhas do mundo então conhecido. Sua estátua, que dominava o templo, era uma figura com muitos seios que o povo acreditava ter caído dos céus. Em maio, todos os anos, realizava-se um festival de culto a Diana, e era este o principal comércio do ano para os ourives.

Religião e patriotismo se misturavam para produzir um mercado de venda de grande lucro para os ourives, isto é, até o Cristianismo invadir Éfeso e a igreja começar a crescer com poder e centenas de convertidos. O ensino de Paulo acerca da salvação apenas mediante Cristo havia feito a idolatria do culto a Diana inconcebível e proibida para os seguidores do Caminho.

Não é de espantar que Demétrio tivesse levantado um motim contra os cristãos. Ele, provavelmente, havia criado o sindicato e provido o capital para o negócio. Ele não apenas se importava com os ourives, mas também com o seu próprio investimento.

O quadro de Demétrio antes de sua conversão é alarmante. Lucas cita-o em Atos como um organizador muito perigoso de interesses em jogo. Ele é retratado como um instigador de violências muito astuto. Ouça-o falar em Atos 19.25-27: *“Senhores, sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade, e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a*

Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas. Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda Ásia e o mundo adoram”.

Desse discurso incitador resultou um motim. Éfeso ficou cheia de confusão e os líderes da igreja, Gaio entre eles, foram levados ao teatro e espancados. A multidão, drogada pela superdose de temor e frenesi econômico, gritava: *“Grande é a Diana dos efésios!”*.

Os cristãos certamente teriam sido martirizados e Paulo, juntamente com eles, se não fosse por um funcionário público sábio e conciliatório que acalmou a multidão e desfez o motim. *“Portanto, se Demétrio e os artífices que o acompanham têm alguma queixa contra alguém, há audiências e procônsules; que acusem uns aos outros. Mas se alguma outra coisa pleiteais, será decidida em assembleia regular”* (Atos 19.38-39).

É tudo que ouvimos de Demétrio no Novo Testamento até a referência de João no término de sua terceira carta. Só podemos imaginar o que aconteceu para levá-lo a Cristo e ao nível louvável de maturidade cristã que João exalta.

A tradição sugere que ele se converteu a Cristo e tornou-se o líder dos grupos ambulantes de pregadores que espalharam o evangelho por toda a área. Se isto for verdade, a transformação de seus valores, prioridades e caráter deve ter sido um testemunho espantoso do poder reorientador de vida de Cristo. Muitos creem que ele foi o portador das cartas de João à igreja. O homem que estava mais interessado no dinheiro do que na verdade, que liderou o movimento contra Cristo em Éfeso, tornou-se um comunicador do evangelho de fama e de confiança.

Percebemos a transição triunfante capacitada por Cristo na vida de Demétrio quando consideramos a recomendação espantosa que João lhe faz. Deve ter havido um motivo para este elogio. Talvez Demétrio tivesse sido alvo de uma das disputas de Diótrefes contra os profetas ambulantes da igreja primitiva. A fim de contrabalançar os pratos de juízo e hostilidade, João coloca o peso de um louvor tríplice. Todo mundo, diz João, testifica da evidência do evangelho na vida de Demétrio. Além disso, sua vida demonstra a própria verdade. Demétrio cumpre a qualificação de João de *“praticar a verdade”* mencionada na abertura da primeira carta. Finalmente, João coloca sua vida e reputação em jogo por Demétrio. Leitor algum da carta questionaria a palavra do respeitado apóstolo do amor. Sentimos o calor dos sentimentos de João por Demétrio.

A forte afirmação que o apóstolo faz de Demétrio é uma ilustração bem específica de sua admoestação no versículo 11: *“Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom. Aquele que pratica o bem procede de Deus, aquele que pratica o mal jamais viu a Deus”*. João dá a entender o contraste entre os que resistem ao amor específico e os que têm dado testemunho de Demétrio. Deus sempre personaliza o amor na pessoa que precisa de nossa ajuda e de nossa segurança inspiradora.

Você provavelmente se indaga por que tomei tanto espaço para contar a história da transformação de uma única personalidade. A razão é muito simples: desejo que nos identifiquemos com Demétrio e reconheçamos os Demétrios de nossa vida.

A metamorfose de Demétrio pode parecer espetacular demais para nós. Contudo, força-nos a perguntar que mudanças em nossos hábitos, atitudes, caráter e personalidade têm sido o resultado da intimidade com Cristo. Quais são os sinais visíveis de que somos novas criaturas em Cristo? A melhor prova pode ser indagar das pessoas com quem vivemos e trabalhamos.

Alguns de nós não tivemos uma conversão radical com uma mudança em preto e branco, da noite para o dia, em nossas personalidades. Mas que diferença tem Cristo feito para nós?

O motivo por que alguns de nós relutamos em testemunhar do que Cristo fez para transformar nossas personalidades é que ainda vemos tanto da velha criatura dominando nossas ações e reações. Mas não precisamos ser tímidos; estamos em transição. Pertencemos a Cristo e ele opera em nós, moldando-nos nas pessoas que devemos ser.

Talvez a admissão honesta de que estamos muito longe de ser perfeitos seja nosso ponto de contato com as pessoas que lutam para descobrir o que Cristo pode significar para elas. E quando podemos contar-lhes o que Cristo está fazendo em nossa vida - casamento, emprego, autoestima, e esperanças - que podemos ajudá-las a sentir o que Cristo pode fazer por elas.

Esta passagem da carta de João me proporcionou uma pausa reflexiva para reavaliação. Espero que faça o mesmo com você. João nos leva a participar de um inventário do que Cristo tem realizado em nossas personalidades. Isso é motivo de gratidão e louvor. Todos nós poderemos ver áreas que não foram colocadas sob o controle de Cristo. E isso é motivo para compromisso e entrega mais profunda! Antes de continuar com a leitura, faça uma relação dos aspectos de sua personalidade que contrariam sua entrega a Cristo. Que tem ele a dizer acerca de seus relacionamentos? Agora, considere seu estilo de vida. Quais são os próximos passos da obediência para você? Lembre-se que a prova de João da intimidade com Cristo é a semelhança com Cristo no amor de alto preço pelas pessoas.

Uma época assim de avaliação honesta me leva de volta a um dos meus versículos favoritos da carta de Paulo aos Filipenses: *“Não que o tenha já recebido, ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo pelo que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que adiante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”* (Filipenses 3.12-14).

Mas e os Demétrios de nossa vida? João colocou sua vida em jogo por Demétrio. Pedro ficou do lado de Marcos na época mais profunda do fracasso do jovem missionário e o levou de volta à eficiência para Cristo. Paulo, que muitas vezes foi incisivo em seus julgamentos, jogou sua reputação sobre a transformação da personalidade de Onésimo, um escravo fugido

convertido, a quem ele chamou de “*fiel e amado irmão*” ao recomendá-lo aos colossenses e a seu primeiro dono, Filemom.

A textura da comunhão cristã está interligada com os fios da afirmação mútua. Contudo, este tecido é mais frequentemente partido por crítica negativa, fuxico e análise impensada de outros. É difícil para as pessoas vencerem fracassos ou batalharem padrões compulsivos e fazerem um novo começo; a maioria de nós não estamos dispostos a ser graciosos como Cristo o foi para nós.

Estou convicto de que um teste de fogo de nossa dedicação a Cristo é termos um ou vários Demétrios por quem expressarmos amor curativo e reconciliador. Sempre há mais Diótrefes do que o necessário ao nosso redor, cujas críticas se fundam em questões mais profundas do interesse próprio e preconceito. Devíamos ser conhecidos pelo fato de estarmos ajudando pessoas transformadas a encontrar aceitação e amor, e também a oportunidade para serem criativas e produtivas. Suspeita da realização passada da pessoa deve ser vencida com perdão e aceitação.

Oh, Demétrio! Todos nós temos as mesmas necessidades interiores. Se a verdade se desse a conhecer, precisaríamos tanto da sua afirmação quanto você precisa da nossa. Todos nós estivemos onde você se encontra, necessitando de alguém que lhe dê amizade e ânimo. Não faríamos menos por você do que o que foi feito por nós (...) e podemos precisar de novo antes que este dia termine.

ORAÇÃO PARA O DIA:

“Senhor, ajuda-nos a descobrir os Demétrios em nossa vida. Sabemos que pela maneira com que nos relacionamos com eles estamos nos relacionando contigo. Torna-nos cômicos da covardia interior que nos impede de afirmar tua nova vida nas pessoas. Possa o reconhecimento do favor imerecido da tua graça em nossas vidas suavizar nossas críticas e vencer nossas suspeitas. Tu sempre tens sido por nós quando menos o merecemos; como é que podemos fazer menos pelos outros? Tu nos tens dado incontáveis começos novos. Louvamos-te pelas oportunidades de abriremos portas de oportunidade para outros. Em teu nome. Amém.”

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?